

## **LUÍS AUGUSTO REBELO DA SILVA, LEITOR DE SHAKESPEARE \***

A tradução dos dramas de Shakespeare surgiu como um empreendimento tardio na literatura portuguesa oitocentista, ganhando vulto com os trabalhos de António Feliciano de Castilho, D. Luís de Bragança e Raimundo António de Bulhão Pato, apenas na década de 1870, antes da qual somente duas versões foram dadas à estampa. Entretanto, uma análise dos elementos constantes dos periódicos da época revela haver, da parte da intelectualidade portuguesa do momento romântico, certa curiosidade e algum conhecimento da obra dramática shakespeariana (enquanto a poesia lírica e narrativa permaneciam na obscuridade). Tal interesse, porém, convivia com uma série de resistências e preconceitos, em geral devidos à persistência de noções críticas herdadas de uma corrente neoclássica que entre nós demorou muito tempo a desaparecer. O conhecimento da obra de Shakespeare, por seu turno, era com frequência superficial e assentava demasiadas vezes em lugares-comuns, ao mesmo tempo que dependia em grau excessivo de versões (quer de teatro declamado, quer de ópera) cuja capacidade de mediação se afigura problemática. Certos escritores – e infere-se que grande parte do público – não liam as obras em inglês. Para outros, o impacto das versões era muito mais marcante do que o dos próprios textos originais, sendo certo que muitas dessas versões se apresentavam elaboradas segundo critérios que hoje nos aparecem como gravemente deturpadores da sua primeira concepção. Desta forma, em muitos casos o que havia era uma familiaridade imperfeita, até falaciosa, com o legado shakespeariano. Aquilo em que se pensava quando se pensava em Shakespeare não era necessariamente aquilo que hoje temos em mente quando nele pensamos.

Os próprios artigos que a imprensa dedicava a Shakespeare ou em que ao autor isabelino concedia lugar de destaque exibem, em regra, um débil carácter

---

\* Comunicação apresentada no XXIII Encontro da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos (Universidade de Coimbra, 18 a 20 de Março de 2002).

informativo (poucos elementos objectivos adiantam acerca do escritor e da sua obra) e fraca qualidade formativa (pouco contribuíam para preparar o público para a abordagem da dramaturgia shakespeariana). Na verdade, mesmo se o não parecem, a rejeição do barbarismo das peças e a exaltação de Shakespeare como escritor da modernidade (para mencionarmos duas posições extremas) constituem afirmações polémicas nas quais afloram certos debates mais ou menos surdos da época em torno do que a literatura e o teatro em Portugal eram e deviam procurar ser<sup>1</sup>.

Entre as figuras que mais seriamente pensaram o sentido e o relevo da obra do dramaturgo renascentista encontra-se Luís Augusto Rebelo da Silva (1822-1871). A actividade de homem público de Rebelo da Silva e a sua produção no âmbito da historiografia e do romance histórico parecem ter ofuscado a estatura deste polígrafo como crítico literário. Na verdade, os seus escritos neste domínio não deixam de ser, no panorama da época, de méritos pouco vulgares, e é de crer que tenham tido certa influência no gosto e nos padrões correntes de apreciação literária, sem que contudo seja fácil encontrar autores que se lhe assemelhem no cuidado, na ponderação, no próprio fôlego do pensamento crítico-literário.

O intelectual português publicou em 1856 a versão livre *Othello, ou o Mouro de Veneza*, que Camilo viu representar e qualificou de «[...] cruento dramacídio» numa crónica publicada sob pseudónimo na *Aurora do Lima*<sup>2</sup>. Mas, por essa altura, Rebelo da Silva já levava alguns anos de convívio com Shakespeare. Em especial nos escritos de finais da década de 1840, que se encontram dispersos por diversos periódicos e que importa resgatar do esquecimento a que a historiografia literária os tem votado, o dramaturgo isabelino surge como uma presença determinativa do seu discurso crítico, que aliás não é parco em outras referências à literatura de expressão inglesa. Pelas criações shakespearianas afere o ensaísta o sentido das obras que analisa, ou, se preferirmos, as resenhas que escreve dão azo a que ele exprima o seu entusiasmo esfuziante, que parece transbordar e exigir expressão a cada passo, pelo dramaturgo isabelino. Assim sucede quando comenta o romance de Herculano, nas páginas de *A Época*:

<sup>1</sup> Para um desenvolvimento destas ideias, permitimo-nos remeter para o nosso estudo *Shakespeare no Romantismo Português. Factos, Problemas, Interpretações* (Campo das Letras, no prelo), onde, entre a abordagem de outros problemas, é delineada a fortuna crítica do dramaturgo isabelino em Portugal ao longo do século XIX, com destaque para as décadas de 1830 a 1860, a partir de uma resenha de textos críticos daqueles e de outros autores. No que respeita ao jornalismo cultural, os resultados da nossa pesquisa estão já parcialmente disponíveis em «Um Contexto para a Recepção de Shakespeare no Romantismo Português: os Dados dos Periódicos», *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 9 (2000), pp. 43-85.

<sup>2</sup> *Obras Completas* (ed. Justino Mendes de Almeida. 17 vols. publicados até à data. Porto: Lello & Irmão, 1982-1994), Vol. XII, pp. 902-903; correspondência publicada na *Aurora do Lima* em 4.12.1856 e assinada com o pseudónimo «João Júnior».

No *Monge de Cister* esta transformação do mancebo generoso e leal em um grande criminoso, está admiravelmente descripta. É uma analyse profunda do coração humano, um canto do véu erguido ao mysterio da existencia, cujo typo melancolico o rei da scena, Schakespeare, cunhou com tanta verdade em *Hamlet* e *Otello*. E o character do monge, de Fr. Vasco, é filho das duas paixões que de todas são as mais indomitas: – a vingança paterna e o ciume. Como Hamlet só respira para cravar o ferro nas entranhas do sedutor de sua irmã, do assassino de seu pai. Como Otello, a imagem de Leonor arde-lhe n’alma como fogo, e para a arrancar aos braços que lha roubaram banhar-se-ha em um rio de sangue. Deus e a salvação desapareceram completamente diante da idolatria destas paixões, que se tornaram instintos fêrvidos e irremediaveis, como a ferocidade do tigre, ou o veneno da serpe.<sup>3</sup>

De forma semelhante, em ensaio de divulgação e apreciação da obra do autor espanhol Antonio Gil y Zárate, publicado no mesmo periódico, Rebelo da Silva escreve que a sua *D. Branca de Borbon*, «Posto que ainda acanhada pelo inexoravel rigor das regras attribuidas a Aristoteles, basta o character do rei D. Pedro o Cruel, perfeitamente cunhado, para a tragedia lembrar algumas das qualidades, que se admirão no Ricardo III de Shakspear»<sup>4</sup>. A personagem shakespeariana, portanto, constitui o protótipo da crueldade na figura de monarca. Noutro texto ainda, vindo a lume em *O Panorama*, escreve que as odes horacianas de Garção

[...] é que hão de ser o seu monumento na posteridade. O amor não vem n’ellas molhar as cordas da lyra das lagrimas tão dóces e amargas ao mesmo tempo de Desdemona, de Hydé [*sic*], e de Julietta; mas a amisade affectuosa e a gratidão sem baixesa, fal-as-hão resoar com brio pouco sabido antes d’elle.<sup>5</sup>

Igualmente significativas são as reflexões expendidas num artigo, também de *O Panorama*, dedicado à obra de Mendes Leal. Acerca do drama *Os Dous Renegados*, Rebelo tempera a admiração que a obra merecera chamando a atenção para o facto de

<sup>3</sup> «O Monge de Cister. Romance Historico pelo Sr. A. Herculano», in *A Epoca*, Vol. I, n.º 14 (1848), pp. 219-220.

<sup>4</sup> «D. Antonio Gil e Zarate», *ibidem*, n.º 21 (1848), p. 332.

<sup>5</sup> «Pedro Antonio Corrêa Garção», *ibidem*, Vol. IX, n.º 45 (6.11.1852), p. 356.

[...] as fusões abrazadas, correndo para dentro de defeituosos modelos, quebrados estes, e frias ellas, ficam estatuas aonde a criação original não accendeu a chamma divina, que faz viver as grandes figuras das idéas e do sentimento. D'ali não pode sair nunca Desdemona nem Othello!<sup>6</sup>

Por mais de uma vez, no texto, é por apelo à obra de Shakespeare que se avalia ou procura compreender a obra de Mendes Leal. Assim se elogia a sua poesia lírica, dizendo Rebelo da Silva que ele «[...] prefere ás harmonias um pouco vagas, aos deliquios estremosos, as explosões do coração que vivem no mundo ideal chamando-se Othello e Lear [...]»<sup>7</sup>. E não deixa de aproveitar a oportunidade para, numa reflexão crítica de maior alcance, escrever que

A interpretação da existencia, a eterna e anciosa aspiração da alma, e a observação profunda e analytica da natureza e das paixões constituem a gloria dos grandes modelos desde Virgilio, no Livro IV da Eneida, até Shakspeare e Milton, desde o Dante e Tasso até Camões e a Goethe! Da epopéa pagã ao drama philosophico e ao poema christão, da epopéa theocratica, e da epopéa de sentimento e de nacionalidade, até á formula geral e pantheista do *Fausto*!<sup>8</sup>

Pela ordem dos factores, depreende-se que Rebelo da Silva inclui a obra de Shakespeare na rubrica do drama filosófico. Este carácter filosófico que encontra na dramaturgia shakespeareana confirma-se numa outra referência, num excursão que diz que,

Filho da musa idealista do norte, pela profundidade da analyse, Herculano descende mais de Schiller e Byron, de Burger e Shakespeare, do que dos poetas mais risonhos quasi sempre do meio-dia. N'elle a tendencia philosophica predomina.<sup>9</sup>

A própria faculdade criativa aparece designada por uma imagem com ascendência shakespeareana, quando se diz, num outro contexto, na revista *A Epoca*, que Byron «[...] captivava com a sua *musa de fogo* as atenções da sociedade

---

<sup>6</sup> «Escriptores Portuguezes Contemporaneos. Poetas Lyricos da Geração Nova. Mendes Leal», in *O Panorama*, Vol. XI, n.º 8 (25.2.1854), p. 61.

<sup>7</sup> *Ibidem*, n.º 14 (8.4.1854), p. 109.

<sup>8</sup> *Ibidem*, n.º 9 (4.3.1854), p. 70.

<sup>9</sup> *Ibidem*, n.º 11 (18.3.1854), p. 83.

ingleza», expressão reminescente do início de *King Henry V*<sup>10</sup>. Dir-se-á, porventura, tratar-se de um shakespeareanismo de expressão pequeno e impugnável, para usarmos a qualificação aplicada por Fidelino de Figueiredo a situação semelhante<sup>11</sup>, mas a verdade é que na obra de Byron aquela expressão não se encontra, pelo que estaremos realmente perante uma reminiscência shakespeareana<sup>12</sup>.

A admiração de Rebelo da Silva por Shakespeare é de tal modo entranhada que ele aproveita até um texto sobre arquitectura portuguesa – de novo, de *A Epoca* – para se lhe referir de passagem, ao discutir o carácter ideal da obra de arte. Criticando a cegueira da crítica, a esterilidade e vacuidade daquela crítica que não alcança compreender esse carácter ideal da arte, escreve:

É alguém culpado de ter sido por muitos seculos a critica uma cousa van, inerte, absurda, ou do tribunal da censura litteraria vêr muitas vezes laceradas pelas mãos do povo as suas eruditas sentenças? É alguém culpado de que até os barqueiros de Veneza entoem as estrophes do Tasso, apezar de Boileau; de que vinguemos a memoria de Camões do silencio dos doutos metreficadores seus contemporaneos; de que Shakspeare seja o principe do theatro, apezar de Voltaire e de um areopago de eruditos, que o condemnaram como barbaro, segundo a letra deste ou daquelle paragrapho das ordenações poeticas de Aristoteles, ou de Horacio?<sup>13</sup>

Também na produção ficcional encontra Rebelo da Silva oportunidade para expor as suas concepções acerca da literatura, designadamente em textos introdutórios, que em pelo menos dois casos se revestem do maior interesse. (Da consequência imaginativa que Shakespeare terá tido na escrita romanesca propriamente dita do autor português daremos conta noutra circunstância.)

<sup>10</sup> «Sir Walter Scott», in *A Epoca*, Vol. I, n.º 13 (1848), p. 199 (itálico nosso). Cf. *King Henry V* (ed. John H. Walter. London: Methuen, 1974), Prólogo, vv. 1-2: «O, for a Muse of fire, that would ascend / The brightest heaven of invention [...]».

<sup>11</sup> Cf. *Shakespeare e Garrett*, Guimarães, 1950 (separata da *Revista de Guimarães*, Vol. LX), p. 42.

<sup>12</sup> Verifica-se na base de dados *English Poetry Full-Text Database* (2nd ed., Chadwyck-Healey, 1992) que a expressão em causa não é localizável na obra do poeta romântico inglês.

<sup>13</sup> «Architectura Portuguezã», in *A Epoca*, Vol. II, n.º 41 (1849), pp. 216-217. Há nesta mesma página uma referência elogiosa ao *Macbeth* de Verdi. Este texto retoma idéias de uma recensão publicada alguns anos antes («Fr. Luiz de Sousa. Drama em 3 actos pelo Sr. Almeida Garrett», in *Revista Universal Lisbonense*, Vol. II, n.º 37 (1.6.1843), pp. 461-462, e n.º 41 (29.6.1843), pp. 511-513), na qual são apenas feitas duas alusões sumárias a Shakespeare, que assim se poderá deduzir ter-se tornado referência crítico-literária de primeira grandeza para Rebelo da Silva entre aquela data e os anos de *A Epoca*.

A narrativa histórica *Ódio Velho não Cança* apresenta uma Introdução<sup>14</sup> em que *Romeo and Juliet* é apresentado como a criação suprema de Shakespeare. É desenvolvida a ideia de que a literatura do Norte da Europa tem características diferentes das da literatura meridional, reconhecendo-se naquela uma qualidade sombria indelével, como se resultasse do nevoeiro e do frio, e aquilo que o autor designa por *cepticismo moral*. Seja isso o que for neste contexto, e seja qual for a sua incidência específica no drama shakespeariano, o certo é que se tenta construir aqui uma verdadeira caracterologia da nacionalidade, nacionalidade da qual a literatura constituirá necessariamente reflexo e ilustração. Situamo-nos, pois, dentro de um quadro conceptual traçado por outros críticos do período romântico português, entre os quais Garrett na sua *História Filosófica do Teatro Português*<sup>15</sup> – sem que Rebelo da Silva, ao contrário daquele, pretenda retirar qualquer ilação acerca da eventual desadequação da obra de Shakespeare à cena portuguesa.

Na Introdução a *A Pena de Talião*, Rebelo refere Romeu e Hamlet, juntamente com o Beppo de Byron, entre as figuras de imaginação que nascem para não morrerem, e dá testemunho do apreço em que tem a «[...] redonda e galhofeira pessoa do nosso amigo Sancho Pansa, e [o] empinado ventre e jovial presença do honrado sir John Falstaff, o Sancho inglez, que Shakspeare nos deixou como protesto contra o spleen da sua nevoenta e enfumada Albion»<sup>16</sup>.

Em *A Epoca*, em 1848, publicou Rebelo da Silva aquele que é decerto o seu ensaio crítico mais extenso e consequente. Toma ele como objecto explícito, ou como pretexto, a obra de Garrett nas suas múltiplas facetas de poeta, organizador do cancionero português, dramaturgo, novelista. É, aliás, um importante documento do processo de entronização de Garrett como a mais relevante referência literária portuguesa do nosso Romantismo. Do mesmo passo, surge como um manifesto a favor de certos autores e certas concepções de literatura, de muito elevado interesse, que analisaremos apenas sumariamente, debruçando-nos sobre a forma como aí aparece tratada a figura de Shakespeare.

<sup>14</sup> Cf. *O Panorama*, Vol. IX, n.º 30 (3.4.1847), pp. 234-236; o texto foi reimpresso várias vezes, tanto em periódicos como em volume autónomo, em versão substancialmente idêntica.

<sup>15</sup> Cf. José de Oliveira Barata, «*História Filosófica do Teatro Português* de Almeida Garrett», in *Discursos*, n.º 14 (1997), pp. 107-141.

<sup>16</sup> *O Panorama*, Vol. XII, n.º 47 (24.11.1855), p. 371.

O elogio de Garrett passa por uma exaltação suprema do isabelino como autor de uma arte que é, a um tempo, ideal e viva, num parágrafo que enuncia um verdadeiro programa estético:

E todas as creações do Sr. Garrett vivem; todas ellas reproduzem o homem fielmente. A individualidade de cada um dos seus personagens separa-o no meio de todos os outros, como na vida commum qualquer de nós se differença pelas feições e pelo character. Saber dar o toque do sublime e da poesia á verdade; possuir a arte de elevar o natural sem violencia até ao ideal; e ahi descobrir a Lei de harmonia, que faz um ente imaginario possivel e real, sem o fazer vulgar, é o segredo de poucos escriptores, e a gloria dos grandes talentos. É nisto principalmente que consiste a belleza e a excellencia da poesia moderna. Goethe muitas vezes o conseguiu; Shakspeare sempre; Calderon algumas.<sup>17</sup>

A dado momento, Rebelo da Silva analisa a índole das obras dos quase-contemporâneos Shakespeare e Gil Vicente, sendo assinalados pontos de contacto e, sobretudo, dissemelhanças, aliás de acordo com as convicções do crítico acerca dos distintos caracteres das literaturas dos povos norte-europeus e dos povos sul-europeus. O problema é colocado nos termos seguintes:

Shakspeare e Gil Vicente representam na immensa distancia moral, a que o character do talento de cada um delles os colloca, a idéa poetica do norte e a do meio-dia. O primeiro é o genio dos germanos e saxonios; o segundo traduz a indole viva, ardente, e chistosa da Peninsula. Um lança sobre a vida humana o reflexo triste, a penumbra em que se mergulha em meia escuridão o seu espirito. [...] O nosso portuguez dá polido e brilho á anedocta maliciosa, côra-a e commenta-a como Plauto, desenha em volta della os seus heroes e alegra-a do riso jovial do nosso povo, o melhor de todos.<sup>18</sup>

Ressalta daqui uma imagem deveras lúgubre, sombria, até angustiosa, da obra do dramaturgo de Stratford, descurando Rebelo da Silva que ele assinou obras bem mais ligeiras do que um *Hamlet*. Estranhamente, mesmo a figura de Falstaff, que menciona, é incapaz de dar a este retrato um tom mais vivaz.

Dentro destes parâmetros, o texto apresenta a necessidade de uma literatura de carácter nacional, e portanto distinta da que é própria daquilo que o autor designa

<sup>17</sup> «A Eschola Moderna Litteraria. O Sr. Garrett», in *A Epoca*, Vol. I, n.º 16 (1848), p. 251.

<sup>18</sup> *Ibidem*, n.º 15 (1848), p. 236.

como o Norte da Europa, mas que passe pelo reconhecimento dos méritos de um autor como Shakespeare. Esse reconhecimento do seu valor e da sua relevância deve ser pleno, não caricatural. Rebelo da Silva critica o facto de a *escola francesa* e a *poesia moderna* (expressões do texto), na sua adesão ao significado da obra de Shakespeare, terem nela valorizado apenas o elemento lúgubre, como se ela fosse um mero repositório de ideias cépticas e uma mera galeria de aleijões morais que lhes servisse a formar figuras excessivas, grotescas, inverosímeis, de seres dilacerados ou ferozes. Os poetas portugueses terão, irreflectidamente, seguido as pisadas dos seus congéneres de França, sem cuidarem de apurar se o modelo importado era espécie estranha ou se frutificaria adequadamente em solo português.

Ao mesmo tempo, Shakespeare é aplaudido como o máximo perscrutador da íntima humanidade das figuras que concebe: «O que importa observar é se o ciúme [em *Othello*] e o amor [em *Romeo and Juliet*] vivem nos personagens de Shakspeare como no coração do homem»<sup>19</sup>. E nessa capacidade de penetração da natureza humana reside o valor inigualável de obras como aquelas. Deste ponto de vista, a dramaturgia de Garrett participa das qualidades das obras de outros nomes da literatura (equivocamente designados como líderes ou modelos de escolas), que são tudo menos escolhidos ao acaso:

Como na escola de Schiller ha nelles a verdadeira physiologia moral; como na de Goethe descreve-se o homem e a sociedade revelando o coração e a intelligencia que animaram os seculos; como na de Shakspeare o quadro toma a côr sublime, que nos caracteres constitue a *personalidade*, que nas epocas forma a completa ressurreição litteraria.<sup>20</sup>

Ademais, percebe-se que é importante para o crítico que os escritores combinem o alegre com o reflexivo, o vivaz com o soturno. Daí a evocação de Gil Vicente a par de Shakespeare. Nessa fusão residirá também, infere-se, o mérito da obra de Garrett. Aliás, é significativo que sejam mencionados, como representantes de qualidades reconhecíveis no teatro garrettiano, Schiller, Goethe e Shakespeare, isto é, dramaturgos desse Norte de que fala Rebelo da Silva. Parece claro, pois, que o renascimento do teatro português terá que implicar esta conciliação<sup>21</sup>.

<sup>19</sup> *Ibidem*, n.º 25 (1848), p. 390.

<sup>20</sup> *Ibidem*, n.º 25 (1848), p. 389.

<sup>21</sup> Já algum tempo antes Rebelo da Silva escrevera, ao efectuar a recensão de *O Tributo das Cem Donzellas*, uma "imitação" de Mendes Leal: «Do estudo profundo e da reflexão detida sobre o theatro hispanhol comparado ao theatro de Shakspeare tinhamos fê que se viria alguma revelação d'onde surgisse a criação de uma scena portugueza nossa original [...]» (*Revista Universal Lisbonense*, Vol. V, n.º 8

De resto, neste bem longo artigo, ainda aqui e ali aparece menção das criaturas de Shakespeare, postas em paralelo com outras figuras da modernidade literária daquele tempo, ora para lhes exaltar o valor, ora para lhes definir o sentido. Assim:

O ciúme que inspirou *Otello*, e o amor filial que deu *Hamlet* a Shakspeare, creou o Claudio Frollo, e a Lucrecia Borgia de Victor Hugo. Quem dirá que as duas paixões se parecem? Quem dirá que o sacerdote polluido, cujo travesseiro é a luxúria, tem similhaça com o mouro arrebatado, que doura Veneza com as suas victorias, ensanguenta o leito nupcial, e mata o amor á voz de uma suspeita? Lastima-se o segundo, poder-se-ha perdoar ao primeiro?<sup>22</sup>

Em suma, as evocações shakespearianas desempenham um papel verdadeiramente estruturante do discurso crítico de Rebelo da Silva, que manifesta aturado convívio e funda familiaridade com a obra do isabelino, e o implica nas suas reflexões acerca do que é e do que deve ser a literatura portuguesa. A admiração votada a Shakespeare une este ensaísta a outros, seus contemporâneos, como Lopes de Mendonça, Latino Coelho e Pinheiro Chagas. É de realçar, porém, que a crítica literária de Rebelo da Silva indica ter este mais maduramente assimilado e ponderado os caracteres e o significado da dramaturgia shakespeariana do que aqueles, não deixando a sua admiração de encontrar, quase sempre, expressão específica, por referência a esta ou àquela personagem, a esta ou àquela peça, o que denota um escrúpulo de rigor pouco comum no horizonte da crítica literária portuguesa do período romântico.

*Jorge Miguel Bastos da Silva*

---

(14.8.1845), p. 93). Um enquadramento para posições como esta encontra-se em RODRIGUES, Maria Idalina Resina – «Teatro Espanhol e Teatro Francês: O Parecer Crítico dos Românticos Portugueses», in *Les Rapports Culturels et Littéraires entre le Portugal et la France (Actes du Colloque, Paris, 11-16 octobre 1982)*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian – Centre Culturel Portugais, 1983, pp. 339-352.

<sup>22</sup> *Loc. cit.*, n.º 16 (1848), p. 250.